

# **Libertação Animal e Revolução Social; uma perspectiva do anarquismo, ou uma perspectiva anarquista sobre o veganismo. 1997**

## **Criação das ferramentas para a revolução**

Para perceber o veganismo e esquecer o consumo e utilização de animais e produtos derivados não é um fim, mas um começo; um novo começo que permite ao praticante uma oportunidade para ver todos os dias realidades de outra perspectiva.

No entanto, ao falar do sofrimento de animais não humanos e dos benefícios de um estilo de vida vegano é muitas vezes uma situação difícil para um vegan, tipicamente a primeira reação da audiência é rejeitar. Os opositores do veganismo dizem que a maneira como os vegans veem as relações homem e animal é errada. No final, profetizam que o erro do veganismo tornar-se-á óbvio e, eventualmente, a ideia será descartada.

De certa maneira, os críticos do veganismo estão certos.

Só quando o indivíduo define o que faz o veganismo “irracional”, se irá realizar individualmente a verdadeira razão por detrás do que é ser vegan. Só quando houver perguntas sobre o que mostra os erros do veganismo, aos olhos de não vegans, a pessoa conseguirá a habilidade de adequadamente falar das acusações, e da mentalidade violenta aceite sobre os animais não humanos.

Só quando os princípios do veganismo forem aplicados sobre a rubrica de injustiça como um todo, se conseguirá entender a necessidade de ser Vegan.

## **Eles estão certos porque o veganismo isoladamente derrota o propósito pelo qual é necessário.**

Como filosofia, o veganismo significa desafiar as ideologias que representam o núcleo da mentalidade Ocidental. Oposto ao sistema de crenças irracional que estabelece instituições que socializam as pessoas para “aceitar”, os princípios do veganismo levam o indivíduo a confrontar o dogma que enfrentam e construir novas éticas e valores baseados na compaixão e justiça.

Confrontar o actual sistema de crenças, no entanto, é um conceito que mete medo a uma sociedade que voluntariamente se entregou aos paradigmas do estado.

No, entanto como Brian Dominick tão bem nos mostra no texto abaixo, é precisamente este confronto que temos de concordar realizar se formos honestos na procura do que a libertação social tem para nos oferecer. Na totalidade do seu processo, o veganismo não é mais que um elemento na estrutura composta da revolução social.

*Animal Liberation and Social Revolution* é um livro desenhado para assistir-nos enquanto embarcamos na tempestade de reconhecer que papel tem a compaixão, pensamento crítico, e racionalidade na nossa simultânea desconstrução e transformação da sociedade.

Brian acredita que em todos nós existem as ferramentas para criar as conclusões necessárias. Não faz diferença se és anarquista pensando no veganismo, ou um vegan a pensar no anarquismo, ou nenhum dos dois. Todo o que é necessário é arregaçar as mangas e começar a criar, num esforço conjunto, para desafiar a humanidade a largar a sua visão do que é uma sociedade justa.

Joseph M. Smith, 1995

Todos tem um limite de tempo e energia, e tempo a realizar trabalho ativo causa a redução de tempo livre para outras causas; mas não existe nada que pare aqueles que dedicam o seu tempo e energia aos problemas humanos ao juntar-se a um boycott devido à crueldade do agro-negócio. Não se perde mais tempo por ser vegetariano do que a comer carne... Quando os não vegetarianos dizem “os problemas humanos veem primeiro” não posso deixar de pensar que estão eles a fazer pelos humanos que os compele a continuar a apoiar a exploração de animais de quinta.

Peter Singer, *Animal Liberation*

## **Os vegan- anarquistas**

Dá um tempo para cá, a libertação animal e os ativistas que lutam em seu nome são embrulhados em discussões acesas e acções. Apesar teoria da libertação animal e ativismo terem sido raramente bem vista ou levada a sério pela esquerda, muitos anarquistas começam a reconhecer a sua legitimidade, não só como causa válida, mas como parte integral e indispensável aspeto da teoria radical e prática revolucionário. Enquanto a maioria das pessoas que se auto intitulam anarquistas que não abraçaram a libertação animal e o seu estilo de vida correspondente – o veganismo , crescimento da ecologia em numero de jovens anarquistas e bem estar animal aumenta nos seus ideais.

Também, muitos vegans e membros da libertação animal começam a estar influenciados por pensamentos anarquistas e a sua rica tradição. A prova é o crescimento da hostilidade dentro dos movimentos de libertação animal para com o capitalismo, sexismo, racismo. A relativa nova comunidade de ativistas de libertação animal está rapidamente a tomar consciência da força total que alimenta a máquina especista na sociedade moderna. Com a tomada de consciência a aumentar, também a afinidade entre libertação animal e a anarquia.

Quanto mais reconhecermos o elemento comum e a interdependência das nossas lutas, que um dia considerávamos distintas uma da outra, melhor compreendemos o que significa realmente libertação e revolução.

Sem querer falar por todos, direi que aqueles que considero realmente anarquistas e membros do movimento de libertação animal são os que procuram realizar as nossas visões por qualquer meio que resulte.

Entendemos, contrariamente ao que as massas pensam de nós, que destruição e violência não trarão o fim necessário. Mas ao contrário dos liberais e progressistas, onde os objetivos estão limitados a reformas, estamos dispostos a admitir que uma mudança real só será possível se usarmos forças destrutiva junto com a nossa transformação criativa da sociedade opressiva.

Sou vegan porque sinto amor para com os animais; vejo-os como seres com valores não diferentes dos humanos. Sou anarquista porque tenho a mesma compaixão para com os humanos, e porque recuso acordar prospetivas comprometidas, meias estratégias e objetivos vendidos ao lobbying. Como radical, a minha aproximação á libertação animal e direitos humanos não tem compromissos: liberdade total para todos, se não.

Alguns defensores dos direitos dos animais pensam que reconhecer os direitos dos animais é ser contra o aborto. Não podiam estar mais longe da verdade. O aborto representa um problema moral único que não replicado em mais lado nenhum da sociedade. Mesmo que o feto seja reconhecido como “pessoa”, a realidade é que essa vida, vive dentro de outro corpo, o corpo da Mãe. Não podemos deixar a decisão a algum legislador branco ou juiz que não compreende a gravidez. Na nossa sociedade patriarcal, é a solução que nos deixam. No nosso ponto de vista, oposição á opressão leva-nos a defender a liberdade de escolha.

## **O que é a revolução social?**

Quando falo de revolução, estou-me a referir a uma transformação social dramática. Mas a minha revolução não é definida por mudanças objetivas ao redor, tal é a presença do capitalismo. A revolução em si não pode acontecer fora de nós. É intrinsecamente interna, completamente pessoal. Todo o individuo tem uma perspetiva. Todos vemos o mundo de maneira diferente. A maioria das pessoas, no entanto, tem as suas perspetivas moldadas para eles pela sociedade onde vivem. A grande maioria de nós vê o mundo e nós próprios de maneira condicionada pelas instituições que regulam as nossas vidas, governo, família, casamento, igreja, corporações, escolas, etc. Cada uma

destas instituições, por vez, é geralmente parte daquilo a que chamo regra estabelecida – uma identidade que existe somente para a perpetuação do poder de uma minoria relativa. Alimentada pela paixão dessa elite para mais e mais poder, a regra estabelecida necessariamente cria poder do resto do mundo através da opressão.

A regra estabelecida emprega muitas formas de opressão; muita dela continuamente reconhecida mas raramente compreendida, quanto mais oposição. Primeiro existem as classes, que é opressão económica; sexismo e homosexismo; opressão baseada na supremacia heterossexual ou patriarcado; e racismo, um termo geral para opressão fundada no etnocentrismo.

Através da história, a regra estabelecida está dependente das dinâmicas opressivas, de um aumento do crescimento e da concentração de poder como resultado da mesma.

Consequentemente, cada forma de opressão torna-se interdependente das outras.

A força por detrás das instituições que socialmente nos produziram é a mesma força por detrás do racismo e especismo, sexismo e sistema de classes, e por ai fora. Será razoável assumir, então, que a maioria de nós, como produtos da regra estabelecida das instituições, temos sido produzidos para criar opressão em nós e entre nós.

A Revolução é o processo -não é o acontecimento- de desafiar a falsa sabedoria e valores que nos forma indrominados com e para os desafios das acções que aprendemos a fazer ou não fazer. Somos nós que somos o inimigo; derrubar o opressor na nossa cabeça será a revolução – ver as suas construções a cair na rua será meramente um sinal que nos estamos a revoltar juntos de maneira unida, sem barreiras. A revolução social é uma coleção de processos internos.

## **Veganismo Radical**

Mais duas palavras, o significado das quais é não muitas vezes desconstruído, são “radicalismo” e “veganismo”. A co-adoção desta palavras pelos liberais tirou-lhes a originalidade da verdade.

Mais uma vez sem querer o monopólio da “verdadeira” definição, direi a minha definição pessoal destes termos. Radicalismo e extremismo não são sinónimos, contrariamente à crença geral. A palavra radical deriva do latim “rad”, que significa “raiz”. Radicalismo não é uma medida de grau de fanatismo ideológico, para a esquerda ou direita; pelo contrário, descreve um estilo de lidar com os problemas sociais. O radical é, literalmente falando, aquele que procura a raiz do problema para que possa atacar com uma solução. Os radicais não limitam os seus objetivos às reformas. Não é de si fazer concessões com vitimas para as aliviar da opressão. Essas são tarefas normalmente da esquerda, liberais e progressistas, sabendo que existem lucros nas reformas, para os radicais, nada menos que a vitória total é não atingir o fim – um fim definido como mudança revolucionária na raiz da opressão.

Pela minha definição, vegetariano puro não é veganismo. Recusar comer produtos de animais não humanos, como uma escolha linda e libertadora não é veganismo. O vegan baseia as suas escolhas no entendimento radical do que a repressão animal é realmente, e a sua escolha de vida é informada e politizada.

Muitos vegetarianos falham em ver a validade da libertação humana, ou veem-na como subordinada em importância em relação aos animais que não se podem defender. Tal pensamento expõe a ignorância liberal vegetariana não só da opressão humana, mas da profunda conexão intrínseca entre o sistema capitalista e a industria de exploração animal.

Muitas pessoas que se auto intitulam vegans e ativistas dos direitos dos animais, pela minha experiência, tem pouco ou nenhum conhecimento sobre ciência social; e, muitas vezes, o que “sabem” sobre as conexões entre sociedade e natureza não humana. Por exemplo, não é comum ouvir vegans dizer que é o consumo de gado que causa a fome mundial. Mas, 80% dos cereais é para gado, e seria suficiente para alimentar o mundo. Será lógico concluir, então, que o fim do consumo humano de animais nos EUA é suficiente para alimentar pessoas com fome. O guru vegan Jonh Robbins defende esta ideia.

Mas é inteiramente falsa! Se os Norte Americanos parassem de comer carne no próximo ano, seria

difícil que se matasse a fome a uma única pessoa, com um único grão de cereal do chão dos EUA. Isto porque o problema da fome mundial, como o da “superpopulação” não são o que parecem. Estes problemas têm as raízes não na disponibilidade de recursos, mas na distribuição de recursos – por duas razões principais. Primeiro, o mercado de valores desce quando o fornecimento aumenta. Se os cereais que agora alimentam o gado ficasse disponível, a mudança traria a baixa de preços dos cereais, diminuindo o lucro. Elites com investimento na agricultura e gado, então, tem interesse direto correspondente. Os vegetarianos tendem a pensar que os vegetais e os agricultores de cereais está a começar enquanto aqueles que criam os animais está a enfraquecer. A verdade é que os vegetais são uma comodidade, e aqueles com interesse financeiro na indústria vegetal não querem que o seu produto fique disponível se isso significa produzir mais e fazer menos lucro.

Segundo, é o caso de que a redistribuição global e nacional de comida é uma ferramenta política. Governos e organizações internacionais económicas cuidadosamente manipulam a comida e a água para controlar populações inteiras. Em ocasiões, a comida pode ser retida das pessoas com fome como meio de as manter fracas e dóceis. Noutras alturas, a sua alimentação é parte de uma estratégia para apaziguar populações à beira da revolta.

Sabendo de tudo isso, torna-se razoável assumir que o governo dos EUA, tão controlado por interesses privados, irá subsidiar a não produção de cereais, para “salvar a indústria do colapso”. Não é suficiente boicotar a indústria da carne e esperar que os recursos sejam distribuídos aos famintos. Temos de estabelecer um sistema que vá de encontro às necessidades humanas, o que implica revolução social.

Esta é só uma das ligações entre exploração animal e humana, mas ilustra bem a necessidade de revolução total. Uma revolução na relação entre humanos e animais. Uma das razões pela qual os animais são explorados, para começar é lucro. Os vegetarianos tendem a entender só isto. Mas a indústria da carne não é uma entidade isolada. A indústria da carne não será parada até o mercado capitalista ser destruído, porque é o último que oferece força e iniciativa. E para o capitalista, o lucro da exploração animal é irresistível.

O motivo de lucro não é o único fator social que encoraja a exploração animal. Aliás, economia é só uma forma de relação social. Nós também temos relações políticas, culturais e interpessoais, onde cada uma pode ser demonstrada para influenciar a percepção que os animais existem para ser usados pelos humanos. A bíblia cristã, e as religiões ocidentais em geral, estão cheias de referência ao alegado “direito divino” dos humanos em usar partes não humanas para as nossas necessidades. Hoje é absurdo pensar que os humanos precisam de explorar animais.

Os vivissetores dizem que podemos aprender com os animais não humanos, e defendem assim a sua utilização, tortura e assassinio de seres vivos. Os radicais precisam de entender, como fazem os vegans, que a única coisa que podemos aprender com os animais é como viver numa relação sã com o meio ambiente. Precisamos de observar os animais no seu meio natural, e imitar as suas reações ambientais. A raiz de grande parte dos cancros é devido ao má relação do homem com a natureza. Nenhum radical pode esperar uma solução para tal problema encontrada em mais destruição da natureza através de experimentação animal. A ligação entre especismo e racismo- o tratamento de animais e pessoas de cor – tem sido explicita demonstrada. No seu livro, *The Dreaded Comparison: Human and Animal Slavery*, Marjorie Spiegel astutamente descreve comparações entre o tratamento de animais por humanos e o tratamento de “raças inferiores” por brancos, dizendo “eles são construídos sobre a mesma básica relação – entre opressor e oprimido”.

Como ilustra Spiegel, o tratamento de não brancos por brancos tem sido historicamente semelhante ao dos não humanos por humanos. Decidir que uma opressão é válida e a outra não é uma visão limitada do mundo; é entrar na ignorância voluntária. “Uma causa de cada vez” diz o pensador Monista, como se pudessem ser esterilizadas e extraídas uma da outra.

A dominação machista na forma de patriarcado e especismo trazido pelo antropocentrismo e exposto poeticamente por Carol Adams no seu livro *The Sexual Politics of Meat*. O feminismo e o

veganismo tem muito em comum, e cada um tem muito para ensinar ou outro.

Uma comparação entre relações interpessoais e relações humano - animal que não é devidamente examinada, para meu conhecimento, inclui o tratamento do adulto nas crianças e pessoas novas, como também os tratamentos dos adultos sobre os mais velhos. Em qualquer caso, o oprimido é visto como alguém sem a posse total da sua liberdade e suas ações. Por exemplo, crianças e idosos são vistos com desconfiança e incompetência. A opressão pela idade tem raiz em algo a que chamamos adultocracia, que se refere à noção que o adulto possui certas qualidades de responsabilidade não encontrada nas outras idades. Como os animais, esses oprimidos são tratados como objetos desprovidos de carácter individual e valor. São explorados sempre que possível, mimados se forem bonitos, mas nunca o mesmo respeito que o de um adulto humano.

Que as crianças, os idosos e os animais são seres que sentem, pensam e vivem é algo que se perdeu na procura dos adultos de domínio e poder. Ao contrário do patriarcado, adultocracia não requer hierarquia formal: assenta o seu domínio ao convencer as vítimas que são realmente inferiores que os seus opressores adultos. Os não humanos podem ser facilmente inválidos. Só simplesmente privá-los da liberdade para desenvolver um carácter individual é um grande passo nessa direção.

Não existe dúvida de que o estado está do lado dos que exploram os animais. Com algumas exceções, as leis são decididamente anti animais. Isto vê-se nos apoios do estado à indústria da carne, derivados, à viviseção e utilização militar de animais não humanos, como também à oposição que faz aqueles que resistem à exploração animal pela indústria. Os políticos nunca entenderão porque se deve defender os animais. Toda a esfera social encoraja o abuso. Agir no interesse humano será traduzido, mesmo absurdamente, em ação contra os interesses do reino animal, uma vasta consistência que ainda têm de receber o direito de ver.

Mas, o anarquista pergunta, se todo o animal tivesse direito à votação e depois se assumisse a necessidade de os proteger, teríamos uma melhor sociedade?

Isso é, queremos mesmo o estado entre humanos e animais, ou devemos antes eliminar a necessidade de tal barreira? Devemos concordar que tendo humanos a decidir contra o consumo de animais sem ser “empurrado” é o ideal. Se a proibição do álcool causou tanto crime e violência como se viu, imaginem a violência social se sai-se uma lei para proibir a carne.

Tal como a Guerra contra a Droga nunca fez mazelas no problema da dependência química e o seu mundo correspondente, nenhuma guerra legal contra a carne irá acabar com a exploração animal; só mais problemas. A raiz destes tipos de problemas estão no desejo social de produzir e consumir o que não precisamos. Todo sobre a nossa presente sociedade diz-nos que “precisamos” de drogas e carne.

### **O que precisamos realmente de destruir nessa sociedade?**

O vegan deve ultrapassar a linha dos monistas e entender a opressão não humana e entender as suas raízes nas relações sociais humanas.

Aqui no zoo, neste local de hipnótica fascinação, os seres humanos podem ver os seus próprios instintos enjaulados e esterilizados.

Todo o que intrínseco ao ser humano, mas amansado pela sociedade capitalista, reaparece seguro no zoo. Agressão, sexualidade, movimento, desejo, brincadeira, os impulsos da liberdade são apanhados em armadilhas e expostos para jubileu alienado e manipulação do homem, mulher e crianças. Aqui está o cruel espetáculo no qual todo desejado pelo humano já só existe na fronteira onde é separado da realidade humana... A condição de escravo automaticamente impõe a questão: Qual o objetivo da libertação? Não é preciso ser dito que a noção de transformação revolucionária entre humanos e bestas é todo menos impensável. --O Grupo Surrealista

Comparando o sofrimento ao dos negros é só ofensivo aos especistas; o que abraçou a falsa noção do que são os animais. Os que se ofendem pela comparação ao sofrimento do semelhante caiu na propaganda espalhada pelos opressores. Negar as nossas semelhanças para com os animais é negar e diminuir o nosso poder.

## **Violência no dia a dia**

A nossa sociedade, poucos não concordarão, é baseada largamente na violência. Por olhamos, parece, existir violência, uma percepção mudada espontaneamente pelos média controlados pelas corporações.

Esta violência, como parte da nossa cultura e da nossa existência, sem duvida tem um efeito profundo em nós na extensão da qual podemos dificilmente esperar compreender verdadeiramente. Porque o poder é um conceito social, nós como pessoas não compreendemos necessariamente o que significa para nós. Quando se perde poder, uma das reações típicas é mostrar a quantidade de poder que temos. Quando interiorizamos os efeitos da opressão, levamos-a connosco, muitas vezes para nos tornarmos nós próprios a vitima. É uma verdade triste que as vitimas tornam-se muitas vezes opressores especialmente porque eles próprios foram vitimas. Quando a vitimização toma a forma de violência física, muitas vezes se traduz em mais violência.

Com isso em mente, podemos ver claramente porque o abuso dos animais – seja diretamente, como no caso de mau tratamento de animais de estimação, ou indiretamente, como no processo da carne – leva à violência social. Os humanos que foram mal tratados tendem a mal tratar o outro, e os animais são os mais fáceis, mais indefesos.

Já foi mostrado que aqueles que cometem atos de crueldade em animais, tem uma pré-disposição para serem violentos para com os humanos. Pessoas que abusam dos animais de estimação, não param por ai.

É absurdo pensar que uma sociedade que oprime animais não humanos será capaz de tornar-se uma sociedade que não oprime humanos. Reconhecer a opressão animal torna-se um pré requisito para uma mudança social radical.

No inicio deste século, Thomas Edison demonstrou, de uma vez, o poder da eletricidade e o impacto da câmara de movimentos. Ele filmou uma execução publica de um elefante.

Larry Law; Spectacular Times: Animals

## **Alienação em todos os dias**

Na raiz da opressão, no que diz respeito ao radical, é a alienação. Os seres humanos são seres sociais. Somos capaz de sentir compaixão. Somos capazes de entender que existe um bem estar social, um bem comum. Como podemos sentir empatia pelos outros, aqueles que nos fazem enfrentar uns aos outros, a outras sociedades comunidades ou indivíduos, ou humanos contra a natureza, tem de nos alienar dos efeitos das nossas ações. Quando uma sociedade vai para a guerra com outra, é imperativo que os lideres de cada sociedade convença “ as massas” que a população é vil e sub humana. Os lideres tem de esconder das pessoas os verdadeiros resultados da guerra: violência em massa, destruição e derrame de sangue. A guerra acontece lá longe, dizem, e os “estrangeiros” que morrem merecem.

Dinâmicas opressivas numa relação social são sempre baseadas numa dicotomia do usa-o , com os opressores veem-se distintos dos oprimidos. Para os opressores, o “nós” é supremo e privilegiado. Os ricos “entendem” que as suas riquezas são adquiridas por métodos “justos” e “honestos”. Por exemplo tanto o opressor como o oprimido são levados a acreditar incapacidade do pobre e na incompetência que os mantêm no fundo. Não existe o reconhecimento do fato de que o privilégio económico automaticamente destrói a iniquidade.

O vegan entende que a exploração humana e o consumo de animais são facilitados pela alienação. As pessoas não vão conseguir viver como vivem – à custa do sofrimento animal – quando

entenderem os efeitos reais desse consumo. Esta é a precisamente a razão pela qual o capitalismo retirou completamente o consumidor do processo de produção. Permitindo que os humanos simpatizem com as vítimas de opressão especista, não conseguirão seguir as suas vidas como o fazem atualmente.

Os humanos devem também ser alienados do simples raciocínio por trás do veganismo. Dizem-nos que os humanos conseguem empregar complexas línguas e estilos de razão. Os não humanos não. Os humanos são pessoas, todo o resto são bestas. Os animais são feitos menos humanos não pela natureza mas pela activa desumanização, um processo pelo qual as pessoas retiram conscientemente os animais do seu apreço.

Vamos ser claros, dicotomia entre humanos e animais é mais arbitrária do que científica. Não é diferente do que entre “brancos” e “pretos” ou “vermelhos” ou “amarelos”; entre adulto e criança; entre homem e mulher; entre heterossexual e homossexual; local e de fora. Fronteiras são levantadas sem cuidado, mas com intenções desviantes, e nós somos domesticados pelas instituições que nos leva a acreditar que estamos de um lado da fronteira, e que a fronteira é racional para começar.

Na vida diária, somos alienados dos resultados das nossas ações mais básicas. Quando compramos alimentos, podemos ler os ingredientes e normalmente dizem se animais foram torturados e assassinados no processo de fabrico. Mas o que aprendemos sobre a pessoa que fez o produto? Onde as mulheres recebem menos que os homens? Onde os negros são subjugados pelos brancos nas fábricas?

Quando eu, como macho, conversando com uma mulher, ou com alguém mais novo que eu, sou dominante e por cima ao ser condicionado para ser parte da sociedade patriarca? Eu, como pessoa branca, vejo-me como “acima” dos negros? Vejo as pessoas de cor irreverentemente diferentes de mim? Estas são questões que não encorajadas que se façam. Mas deve-mos fazê-las. Para ultrapassar a alienação, temos de ser diligentemente críticos não só do mundo que nos rodeia, mas das nossas próprias ideias, prespétivas e ações. Se queremos extinguir o opressor nas nossas cabeças, temos de questionar constantemente as nossas crenças. O que devemos perguntar a nós próprios como indivíduos, são os efeitos das nossas ações, não só naqueles à nossa volta, mas também no ambiente em redor?

Como componente chave da perpétua opressão, toda a alienação deve ser destruída. Enquanto conseguirmos ignorar os matadouros e laboratórios de viviseção, podemos ignorar as condições do III Mundo, o guetto urbano, a violência doméstica, as aulas autoritárias, e por ai fora. A habilidade de ignorar qualquer opressão é a habilidade de ignorar outra qualquer opressão.

Mais do que a recusa de tomar parte da violência contra os animais não humanos para comida, roupa, etc, o veganismo recusa tomar parte na violência que afeta a sociedade como um todo. O veganismo trabalha para expor e acabar a doutrinação da industria na sociedade capitalista que deseja de-sintetizar a humanidade para a violência contra muitos pelo bem de alguns poucos. Joseph M. Smith; The Threat of Veganism

Com a tecnologia moderna – mass média, sistema de transporte rápido, computadores, planos económicos, etc – o capitalismo pode agora as condições de existência. O mundo que vemos não é o mundo real, é uma visão do mundo que estamos condicionados para ver... A realidade é algo que olhamos e pensamos sobre, não algo que experimente-mos.

Larry Law; The Spectacle: A Skeleton Key

## **O Revolucionário Empenhado**

Entender-nos a nós próprios e as nossas relações com o mundo à nossa volta é o primeiro passo para

a revolução. Temos então de aplicar o nosso entendimento a um programa prático de ação. Quando falo em ação, não me estou a referir só a eventos semanais ou mensais quando nós, em colaboração com um grupo organizado, mostramos no que acreditamos em uma demonstração, um quando executamos um raid num estabelecimento de opressão.

A ação não é tão limitada. Pode ser encontrada no dia a dia, na nossa rotina e em atividades não tão rotineiras. Quando defendemos algo ao falar numa conversa, no trabalho, à mesa de jantar, estamos a agir. De fato, quer a gente dê por isso ou não, todo o que fazemos é uma ação ou uma série de ações.

O papel do revolucionário é simples: fazer da sua vida um modelo miniatura da alternativa, a sociedade revolucionária que visiona. É um microcosmo do mundo em redor, e mesmo a mais básica ação afeta o contexto social do qual faz parte.

A revolução deve fazer parte do estilo de vida, guiado pela visão e alimentado pela paixão. Devemos liberar os nossos desejos através de crítica constante daquilo que fomos educados para pensar, e pela procura constante do que verdadeiramente procuramos.

Depois de se identificar como funciona a sociedade, e decidirmos o que queremos, temos de começar a dismantlar o presente e construir o futuro.

Economicamente falando, onde existe propriedade privada hoje têm de haver propriedade coletiva amanhã. Onde a produção, consumo e recursos são ditados por forças de mercado irracionais, no futuro tem de haver um sistema racional de aquisição e distribuição de bens materiais e serviços, focando-se equidade, diversidade, solidariedade, autonomia, etc.

Como visionário, o vegan vê o mundo livre de exploração animal. Vê realmente uma relação sã e pacífica entre a sociedade humana e o mundo natural. O movimento deep ecology mostrou-nos que a natureza não humana têm valor que não pode ser quantificado em termos económicos, tal como o vegan mostra o valor de animais não humanos, um valor que não pode ser calculado pelos economistas, só medido pela paixão humana. Essa paixão, demonstrada pelos proletários pelos socialistas, pelas mulheres pelos queers e feministas, pessoas de cor e etnias marginalizadas pelos inter-comunalistas, pelos novos e idosos pelos adultos, e aqueles no fim do barril de pólvora do governo pelos libertários, é a mesma paixão daquela sentida pelos vegans e ambientalistas radicais em relação ao mundo não humano. Que cada um de nós precisa de se tornar todos estes tipos de radicais -e incorporar as suas ideologias em uma, teoria holística, uma visão, uma estratégia e prática – é uma coisa que já não podemos ignorar. Só uma perspetiva e estilo de vida com verdadeira paixão pode destruir a construção opressiva da presente sociedade e começar uma nova criação relações desejáveis e realidades. Isto para mim, é a essência da anarquia.

O lixo anti humano de um sistema podre... tem de ser destruído e será destruído... Nunca será cedo de mais para nós. A queda começa em casa. A sociedade que bana toda a aventura torna a abolição dessa sociedade a única aventura possível.

Anti-Authoritarians Anonymous; Adventures in Subversion”.

A teoria será ou uma teoria prática – uma teoria de prática revolucionária – ou não será nada... nada mais que um aquário de ideias, uma interpretação contemplativa do mundo.

The Spectacle

### **A saber:**

Um ano depois de ter escrito a primeira versão do Animal Liberation and Social Revolution, dei por mim a desejar de ter sido mais inclusivo. Não houve crítica das tendências contra a opção (aborto) dentro do movimento de libertação animal. Esta tendência é forte e está a crescer e são uma ameaça não só para a liberdade de reprodução da mulher mas também as bases racionais do veganismo. O veganismo, não equivale aos movimentos Pró Vida.



As táticas do movimento de libertação animal necessitam de crítica. De protestos sem resultado a ataques violentos, o movimento tornou-se significativamente rancoroso.

Finalmente, gostava de ter falado mais sobre o conceito “Libertação animal” mais a fundo.

Podemos mesmo libertar os animais? Não é a libertação um processo subjetivo, podendo libertar-nos a nós unicamente?

Brian A. Dominick, 1996

### **A saber depois da 3ª edição**

Quando a segunda edição foi para a prensa à cerca de um ano, juntei um pequeno “A saber” proclamando a minha preocupação com algumas das noções expressadas no texto original. Em vez de fazer sérias alterações editoriais, optei por discutir algumas das mais recentes conclusões sobre o assunto.

### **Sobre Libertação**

Entre os problemas que agora tenho com a peça original é a minha utilização, e a de outros, do termo “Libertação” para descrever o que é libertar os animais de exploração e opressão à mãos dos humanos. Acredito que a libertação é um conceito particular do ser humano, baseado no processo subjetivo de aumento de consciência. Libertação é pessoal, e é mais complicada do que remover algemas físicas. Quando um prisioneiro é libertado, ele ou ele não é necessariamente libertado da opressão e da sociedade autoridade.

Pode-se argumentar que os animais que são abusados ou violados devem, como os humanos oprimidos, podem passar por um processo de recuperação psicológica e subjetiva. Mas mesmo uma recuperação pessoal, teoricamente dentro das capacidades de muitas espécies não humanas, não é verdadeiramente uma libertação.

Definindo Libertação, como eu a defino, requer o crescimento da consciência social, que os não humanos ( e alguns humanos) simplesmente não possuem a capacidade.

Isto pode parecer uma matéria semântica. No entanto, insisto é muito mais. Por demasiado tempo a libertação humana tem sido trabalhada para ser só um processo estrutural/social. Quando mudamos as condições da sociedade, torna-mo-nos livres. Temos de nos libertar, como coletivos de indivíduos, antes de podermos reestruturar a sociedade de tal maneira que é uma condutora de libertação. E ao mesmo tempo, antes de podermos pessoalmente libertar-nos, temos de reestruturar a sociedade e as suas instituições.

Os auto proclamados “ libertadores de animais” tipicamente dedicados e sinceros ativistas de certeza, tendem a falhar dois pontos. Primeiro, só o próprio se pode libertar. O melhor que podemos esperar fazer pelos outros é libertá-los das barreiras que não lhes permite a própria libertação. Segundo, só aqueles que podem compreender a complexidade da sua própria opressão podem combater-na no processo de libertação. Por inúmeros séculos, as melhores tentativas para serem livres tem-se traduzido em lutas desesperadas para serem livres das imposições autoritárias da sociedade opressiva. Como animais enjaulados, pouco mais há que a destruição da cela em si. Como animais não enjaulados, no entanto, temos o potencial de entender porquê existe a jaula em primeiro lugar. Sabemos que há sempre mais jaulas, e até destruímos a máquina social que produz estas jaulas ( tanto para animais não humanos como para humano), o mais perto que podemos esperar da libertação é liberdade relativa e momentânea.

### **Redefinindo Veganismo**

Também gostaria de esclarecer a minha definição de alguns termos, mais importante veganismo. A minha definição original era correta, mas tornou-se confusa no contexto do resto do assunto, não

distinto daquilo a que chamo vegetarianismo. Vou ser claro: veganismo é a abstinência consciente de ações que contribuam diretamente ao indiretamente, ao sofrimento de seres, sejam humanos ou animais, por razões éticas. As pessoas chegam ao veganismo através de dois caminhos: preocupação pelos direitos, liberdade dos animais, e preocupação pelo meio ambiente ( severamente destruído para manutenção de animais). Abstinência do consumo de produtos derivados de animais por si é só vegetariano, o seu termo próprio é ovólato – vegetariano, porque a sua prática continua consumir ovos e leite. Muitos os vegetarianos o são porque a sua dieta é saudável. Portanto não deixam de usar peles, produtos testados em animais, etc.

É importante notar que o veganismo não é absolutamente o estado de ser. Primeiro de todo, existem muitas interpretações do que constitui um ser que sente. Alguns argumentam que todos os animais, do mamífero ao inseto, merecem o mesmo respeito e a inclusão nessa categoria. No extremo, existem aqueles que acreditam que as plantas e os animais merecem os dois o mesmo respeito, e esses escolhem comer só frutas e frutos secos. Ainda outros insistem que muitos animais que não podem demonstrar ter vontade própria, carácter distinto, sistemas nervosos complexos ou alguma expressão de emoção, como insetos, crustáceos, não são “animais com sentido” pela sua definição. Segundo, o veganismo é um ideal que só podemos imaginar viver. Portanto muitos produtos que se tornaram “necessidades” da vida moderna, como carros, filmes, etc, contêm partes derivadas de animal. Comida de animal é outro assunto controverso. É importante salientar que só podemos dar o nosso melhor, para dar passos importantes em direção do nosso ideal. Mesmo que todos nós deixasse-mos de comer carne neste ano, enquanto longe daquilo que os vegans consideram uma simples conversa para apaixonantes, estamos a reduzir a nossa contribuição pessoal para a exploração de não humanos.

### **A viabilidade de estilos de vida**

Sou o primeiro a ficar desgostado por esses radicais, muitos do Old School, que dizem que o estilo de vida deve mudar mas, melhor, senta-te no banco de trás do verdadeiro trabalho social, que é limitado para a reestruturação das instituições. Eles, criticam que, no lado oposto, acreditam que a mudança pessoal será a verdadeira revolução quando praticada em larga escala, é muito importante. Devemos evitar ambos os extremos. Infelizmente, anarquistas contemporâneos e vegans tendem a assumir um estilo vida.

Alguns radicais vão tão longe como declarar que os nossos estilos de vida vão mudar “depois da revolução”. Tal noção é estúpida. Aqueles de nós que foram levados a ser consumidores cegos, maridos, mulheres, etc... mais radicalmente alteram as suas atividades diárias. Não procuramos a mudança radical até aprendermos a parar de avaliar o superficial, efeitos espetaculares e elementos do presente. Não acabaremos com uma sociedade economista socialista, que desencoraje e produção de carne devido ao seu custo social e custos ambientais a não ser que estejamos com vontade de deixar a carne.

O derrube do capitalismo será a abolição da indústria da exploração animal, e isso será óbvio para as pessoas que vão construir tal economia, (nós pessoas).

Porque devemos puxar por um sistema que resultaria na nossa habilidade para comer carne se não conseguirmos deixar de comer agora?

Por ultimo, é importante notar que os estilos de vida mudam, tal como fazem os vegans, realmente não constituem nenhum tipo de ativismo concreto. Há muito mais em ser ativista do que só tomar partido, especialmente um calado.

Brian A. Dominick, 1997

The Anarchist Library Anti-Copyright, 2012.